

## 13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

# FILOSOFIA

### RELAÇÕES ENTRE PARRHESIA E DEMOCRACIA A PARTIR DE MICHEL FOUCAULT

1 Ramon Rodriguez Taulois (IC- UNIRIO); 1 Andréa Bieri (orientadora)

1- Departamento de Filosofia; Centro de Ciências Humanas; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Apoio Financeiro: UNIRIO

Palavras-chave: isegoria; coragem; parrhesia.

#### INTRODUÇÃO

No ano de 1983 – já voltado, portanto, à antiguidade grega, helenística e romana –, Michel Foucault ministra um curso no Collège de France onde se ocupa em grande medida da questão da parrhesia – o exercício do franco-falar, expressão de uma opinião própria, verdadeira, que implica exposição a riscos –, sobretudo em sua manifestação política. Fontes literárias como as tragédias de Eurípides e os discursos de Péricles trazidos por Tucídides em Guerra do Peloponeso serão utilizadas pelo pensador francês na abordagem de questões referentes à problematização da parrhesia na democracia.

A constituição democrática, sabemos, funda-se em dois princípios básicos: isonomia (igualdade de todos os cidadãos perante a lei) e isegoria (igualdade de todos os cidadãos no tocante ao direito de tomar a palavra e opinar acerca dos negócios da cidade). O direito que todos dispõem de falar e opinar não garante, contudo a deliberação, a efetiva participação nos negócios públicos. O que garante isto é o mérito pessoal – são qualidades pessoais, como a coragem, a combatividade, a excelência, a sensatez, capacidade de conhecer o bem, de conhecer os meios para se atingir o bem; aquilo que constitui um potencial parrhesiástico. Garante-se assim a certos indivíduos uma ascendência, cujo exercício faz-se garantia da própria democracia.

Foucault caracteriza então um retângulo da parrhesia: condição formal: democracia (vértice constitucional); condição de fato: ascendência e superioridade de alguns (vértice do jogo político); condição de verdade: necessidade de um logos sensato (vértice da verdade); condição moral: a coragem, a coragem na luta, na rivalidade (vértice da coragem).

#### OBJETIVO

Apresentar a distinção e as relações entre o que diz respeito à forma constitucional (politéia) e o que é da ordem das relações de poder imanentes a um contexto social – o que se dá no jogo político (dybastéia);

Atentar às condições nas quais uma relação justa, equilibrada, entre parrhesia e democracia pode se dar;

Apontar elementos que na democracia vêm a instaurar uma impotência, uma impossibilidade de se conduzir um dizer-verdadeiro.

#### METODOLOGIA

Pesquisa bibliográfica, leitura, discussão e cotejo de textos, fichamentos, elaboração de resumos por tópicos.

#### RESULTADOS

As análises empreendidas por Foucault conduzem a dois paradoxos: Em primeiro lugar, constata-se que a democracia condiciona a efetuação dos discursos verdadeiros – não há parrhesia, em sentido político, sem a liberdade permitida pela forma da politéia – mas o discurso verdadeiro introduz diferença na democracia; soma à sua estrutura igualitária algo que dela se furta. A igualdade jurídica garantida pelo princípio de isonomia, a equivalência no peso da palavra assegurada pelo princípio de isegoria se vê ante o fato de que o direito de opinar, a possibilidade de falar não implica necessariamente possibilidade de falar a verdade. Palavras que correspondam a ações eficazes, que sirvam a um jogo conveniente da política, exigem certa superioridade, resultam de qualidades morais a distinguir cidadãos mais potentes.

Em segundo lugar, pode-se observar que o discurso verdadeiro, na medida em que adequadamente aponta o bem para o conjunto de cidadãos, é o que vai permitir a existência e subsistência da democracia. Contudo, à medida que se dá em uma estrutura agonística, em uma concorrência de forças, a atividade parrhesiástica, a existência do discurso verdadeiro, é constantemente ameaçada pela própria democracia.

#### CONCLUSÃO

Mostrando-nos a separação entre Politéia – entre o que é problema de constituição, da forma – e Dynastéia – o que é questão do jogo político –, mostrando-nos não haver coincidência entre o que é da estrutura, da forma do governo e o que participa do verdadeiro ato parrhesiástico, Foucault nos mostra que a crise da parrhesia democrática – exposta no pensamento grego do século IV – se dá não por uma impotência do discurso-verdadeiro em si, mas pelo fato de a própria estrutura, a própria Politéia servir de entrave à possibilidade de produção daquilo que denomina “diferenciação ética” – a ascendência de alguns a dar passagem à dinâmica de circulação das práticas políticas.

A democracia vem a permitir, como o mostra a tragédia eurípidiana Orestes, que indivíduos dos menos sensatos, mais despreparados para a tomada de posição e

### 13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

decisão, venham a influir fortemente no espaço público. Se não administrada por alguém como Péricles, que entendia a importância de não se reduzir a possibilidade de fala eficiente à isegoria - ao instituído na Politéia como se uma exata distribuição de poder -, permite que um uso lisonjeiro da palavra, uma pseudo-parrhesia, que só vise beneficiar a quem enuncia pelos efeitos de agrado que produz, se dissemine e mine o terreno do dizer-verdadeiro, ameaçando a própria sobrevivência da forma de governo. É possibilitado assim um uso político da palavra que não implica risco em sua exposição, não demanda portanto um êthos característico, não demanda coragem.

A fala verdadeira deve então ser livre, deve consistir em uma prática política, um exercício do poder (Dynastéia) pelo discurso-verdadeiro, que possa questionar e criticar as próprias condições de governança do campo social em que se insere, buscando uma melhor condução de interesses. As democracias, no entanto, vão tornando-se locais cada vez mais ameaçadores aos parrhesiastas à medida que a estrutura agonística que permitia a inserção do jogo parrhesiático na organização democrática vai se desmantelando e a ascendência vai se pervertendo. O parrhesiasta não é mais admirado por sua coragem, sua franqueza. O campo social pede bajuladores. A verdadeira parrhesia, constantemente ameaçada e gradualmente afastada da Politéia, mostra-se incompatível com a igualização do poder, com a extinção da diferença de potencial que reduz a política a problemas de constituição, problemas estatutários, jurídicos, etc.

#### REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. O Governo de Si e dos Outros: curso no Collège de France (1982-1983). Tradução de Eduardo Brandão Edição estabelecida por Frédéric Gros, sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. A Coragem da Verdade (O Governo de Si e dos Outros II): curso no Collège de France (1983-1984). Tradução de Eduardo Brandão. Edição estabelecida por Frédéric Gros, sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GROS, Frédéric (Org.). Foucault: a coragem da verdade. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.